A vida atribulada do filho de um libertino

A vida atribulada do filho de um libertino

V.S. Antunes

Copyright © 2024 V.S. Antunes
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou distribuída de qualquer forma sem a permissão por escrito do autor.

Primeira edição, 2024
Editor: Cláudio Lopes

ISBN: 978-989-33-5734-7

Facebook: https://www.facebook.com/Berlefes

Instagram: https://www.instagram.com/berlefes_o_pai_libertino/

Threads: https://www.threads.net/@berlefes_o_pai_libertino

Twitter: https://twitter.com/Berlefes_o_pai

Página de autor: https://www.amazon.com/author/gersulio_berlefes

Para todos os que cresceram com um familiar que, por esta ou aquela razão, era uma pessoa muito diferente das demais. Que vos tenha ajudado a dar valor ao que é diferente; que vos tenha tornado um melhor ser humano. Se não foi o caso, espero que este livro cumpra essa missão.

Índice

Prólogo 3
Password coerente 5
Quando a minha mãe apanhou o meu pai com a vassoura 7
A obsessão pelo filme 9
Quando o meu pai trocou a televisão por um Soutien 11
Quando o meu pai me deixou dizer um palavrão 15
Jesus na vida de meu pai 19
Os bizarros olhares do meu pai para o Zé 21
O meu pai e os bigodes 25
A operação 29
Quando o trolha veio jantar 33
A minha amiga Hema 39
O baile de finalistas 43
A reunião na editora 47
O Pilóquio 53
A velhota do envelope 59
O milagre da andorinha 67
A comunhão solene 79
Quando fui processado 81
O meu avô paterno 93
Emílio Narciso Brúlio 105

Um natal especial 119
A ex-testemunha de Jeová 145
Juzenildo, o meu irmão 169
Tibete 195
O regresso 227
Epílogo 229
Fim 233
O que diz a crítica 235

Prefácio

O livro que tem em mãos não é o livro comum da livraria da esquina. Se a sua capacidade de rir é limitada, pouse imediatamente esta obra. Ser-lhe-ão apresentados capítulos curtos e independentes onde conhecerá os primeiros personagens, mas não se iluda — consoante for avançando entrará numa densa trama, interligada, com muitos personagens e capítulos cada vez mais extensos.

Uma nota pertinente: o narrador deste livro padece de uma condição que facilmente o envia em viagens… Apesar de não confirmado pelos médicos, trata-se de um género de bipolaridade. Ele tanto é inteligente como de repente oscila; por vezes assemelha-se a um poeta sofisticado numa tertúlia intelectual, outras vezes sai-se com um brejeiro "colhões". Nas palavras do tio dele: "O meu sobrinho? Quando faz sol é esperto; quando chove é burro. E vice-versa com ou sem nevoeiro". É o que é, temos de aceitar a diversidade e não cancelar as pessoas só porque são diferentes de nós.

O leitor deverá estar preparado para entrar num universo paralelo, irá conhecer um mundo onde nem tudo é o que parece, experimentará uma realidade que tanto tem de alternativa como de actual. Prepare-se: depois de virar esta página, será tarde demais para voltar a ser quem era. Divirta-se e… boa sorte!

Prólogo

O meu nome é Gersúlio Berlefes Silva, Tó para alguns amigos, "meu burro" para um tio afastado e há quem me trate por Viagens Suzélio Antunes. Pensei muito sobre se deveria avançar com este livro ou ficar caladinho no meu canto. Quase desisti da ideia uma vez que no mundo de hoje algumas pessoas se sentem ofendidas por coisas que não entendem. Segui com o projecto por dois motivos: primeiro porque penso ser importante tentar ajudar todos os filhos que como eu têm um pai libertino, excêntrico, um pai diferente dos que por aí se conhece. Talvez não ajude só filhos, mas também pais, tios, avós, *primos coiso* e o que calhar; segundo, porque ao pensar melhor no assunto concluí que não quero saber. Se te sentires ofendido chupa um limão e vai ler outro livro — há muitos e de todas as cores e formatos. E o mesmo se pode dizer dos livros. Os mais sensíveis poderão classificar como fortes os textos que se seguem, mas quero deixar claro que as partes mais graves foram cortadas. Por favor, não vejam nestas histórias qualquer tipo de abuso. Qualquer interpretação nesse sentido estará completamente errada. À sua maneira, o meu pai ama-me muito e sempre quis o melhor para mim. Nunca, ou raramente, revelou desilusão pelas minhas escolhas e jamais me forçou a seguir os seus gostos. Sempre que precisei, ele estava lá para me ajudar no que pudesse. Numa das vezes que me esfregava as costas no banho disse-me que estará sempre do meu lado, escolha eu o caminho que escolher. Lembro-me como se fosse hoje, mesmo tendo sido ontem.

Tenho 33 anos e já não tenho tanta dificuldade em entendê-lo. Eu gosto de carros e mulheres; ele gosta de lingerie cor de rosa e malmequeres. São gostos e gostos talvez não se discutam, e até acho que lingerie lhe assenta bem. A idade trouxe-lhe alguns quilos extra na barriga, mas como ele compra alguns números abaixo a coisa disfarça. Agora que é raro ele ir ao ginásio, só a mostra na varanda ou em festas da empresa.

Hoje em dia, tem bons amigos que o aceitam tal como ele é e entendem como ele é especial. Eles sabem dos seus bonecos e estão a par das suas estranhas colecções, mas isso em nada afecta a sua relação. Não o criticam e já sabem que em todas as festas o show de cabaré é garantido. Anda sempre feliz e isso deixa-me feliz, mas para mim as coisas nem sempre foram fáceis. Foi muito atribulada a minha infância e juventude e talvez tenha havido um atraso na chegada ao meu estado adulto. Muita coisa eu não compreendia e muita coisa ainda hoje não compreendo, mas aprendi a aceitar o diferente — foi a única forma de manter alguma sanidade. A prova de que consegui estabelecer-me como adulto funcional é que hoje necessito de pouca ajuda especializada.

Vou contar-vos alguns desses episódios, quase todos passados durante os anos que vivi na mesma casa com o meu pai e a minha mãe. Espero que aprendam com a minha experiência e que como eu possam abraçar o diferente. Respeitem os vossos familiares e amigos como são, aceitem-nos da mesma forma que a minha mãe aceita os bitaites do trolha do prédio da frente para o meu lingeriezado pai: com compreensão e um paciente suspiro. Cada um tem os seus gostos, desejos, e estilo de roupa. Sejam brandos no julgamento e empáticos na vossa visão. Todos diferentes, todos iguais.

Password coerente

Eu tinha cerca de 12 anos de idade quando ouvi, por acidente, os meus pais conversarem sobre passwords.

— O teu filho também está na idade de ouro, até aos 12, 13 anos — dizia a minha mãe —, altura em que começará com outro tipo de perguntas do tipo, "papá, porque é que tens fotografias de pilas na gaveta?"

O meu pai nada disse.

— Eles naquela idade mexem em tudo, mais do que agora — ouvi a minha mãe dizer. — Guarda num arquivo online e escolhe uma boa password.

O meu pai continuou calado, a minha mãe não.

— Não se pega, ele não vai gostar também, não é isso, mas sei lá, pode ser estranho para ti teres de explicar o motivo de chegares tão tarde a casa todos os dias.

— Também ainda não tem idade para aquelas revistas.

— As tuas revistas?! Quando ele for mais velho compra-lhe a "playboy". As tuas "playgirl" colocas na mesma gaveta, junto às fotos de pila alheia.

Aquela conversa foi um choque para mim. Tudo bem que eu já me tinha habituado à lingerie que ele usava por casa e ao gritado "bom dia" do trolha Crezílio António do prédio da frente, mas isto era diferente pois confirmava a minha suspeita depois de mexer no computador do meu pai. Ganhei coragem e perguntei durante o jantar:

— Papá, porque é que a tua password é "COLHÕES" tudo em maiúsculas?

— Password do quê? — tentou disfarçar, puxando a boneca barbie para mais perto do prato.

— Eu não te disse para escolheres uma password difícil? — ralhou a minha mãe.

— Filho, não quero que andes a mexer nas minhas coisas.

— Foi sem querer. Eu estava a fazer os trabalhos de casa e ao tentar clicar na barra de espaços, escrevi "COLHÕES". — O meu pai pouco percebia de informática.

— Não faz mal, filho. Vá, come que o jantar está a ficar frio.

— Papá — insisti —, porque é que não gostas do mesmo que o tio?

— Do que falas?

— Eu vi a tua gaveta, papá. Estava a procurar um livro da escola… O tio diz que é… bem, tu não me deixas dizer, mas começa por C, acaba em A e no meio tem ON. Também me parece mais bonito do que as fotos que tens na gaveta.

— O teu tio anda com umas ricas conversas, anda…

— O tio diz "são coisas dele".

— Certo. São coisas minhas e por isso mesmo é que não deves mexer. Agora come. — E continuou a pentear a barbie enquanto chupava o esparguete cor de rosa.

Não voltei a tocar no assunto. Naquela altura eu começava a ter noção de que seria melhor aceitar. Já tinha idade para ter medo de algumas respostas. Até hoje, nunca lhe disse que também tinha acedido à outra pasta. A password era "MAIS_COLHÕES". Eram fotos de amigos onde reconheci o trolha "Crezílio" e um padre, entre outros. Não me pareceu importante mencionar. A minha mãe trocou olhares com o meu pai e sou capaz de jurar que vi um sorriso nos lábios dela. Aposto que ela ria do estranho esparguete.

Quando a minha mãe apanhou o meu pai com a vassoura

Lembro-me de vários aniversários do meu pai, mas houve um que particularmente me marcou, pois teve um impacto muito grande na minha profissão de hoje (sou vendedor de aspiradores). No dia anterior ao aniversário, ele entrou em casa com um grande embrulho. Eu era miúdo e até pensei que fosse para mim. Disse-nos que era um taco de snooker que o amigo lhe ofereceu de prenda. Estava muito feliz e a minha mãe estranhou que ele não a abrisse. Explicou que só a iria desembrulhar no café onde costumava jogar, que era para os amigos verem. "Esse taco tem um formato anormal" — disse a minha mãe, mas não percebi o que ela quis dizer. Talvez tivesse sido uma piada (se bem que o meu pai não riu), mas eu era uma criança e não entendia.

Nessa mesma noite, estávamos os três na sala a ver televisão, quando a meio do filme o meu pai disse que se sentia cansado e que ia dormir mais cedo. Vi-o a subir as escadas para os quartos. Lembro-me bem disto, porque eu ria sempre que via o rabo cor de rosa a subir. Normalmente ele tirava as calças e andava assim pela casa. Ficámos os dois a ver televisão e a certa altura eu pedi bolachas à minha mãe. Ela foi à cozinha buscá-las. Foi quando a ouvi gritar, "o que é isto?!" Eu tentei espreitar, mas a minha mãe disse-me para ficar na sala. Fiquei sentado, mas ouvi a conversa.

— Silva! O que é que estás a fazer, Silva? — gritava a minha mãe.

Afinal o meu pai não tinha ido dormir. Em vez disso, estava na cozinha a fazer não sei o quê.

— O que estou a fazer? Oh, tens cada uma! Então não vês que estou a varrer?

— A varrer?! Tás a gozar comigo? Nessa posição? — A minha mãe estava muito chateada.

— Mas quê? — Ouvi o meu pai responder. — Agora também se tem posição correcta para varrer?

— Sentado, Berlefes Silva? Sentado?! Eu nem uso vassoura! Aliás, de onde veio essa vassoura? Chamas a isso "taco de snooker"?

Não percebi o que o meu pai respondeu. Sei que gritaram mais tempo. Lembro-me de aumentar o som da televisão, pois não gostava de os ouvir discutir.

Cerca de uma semana mais tarde, fui com o meu pai ao café. Ele ia jogar snooker com os amigos.

— Papá, não vais usar o teu taco novo?

— Ó filho, a tua mãe tirou-me o taco.

— A mim também já me tirou os carrinhos da mesa.

Fiquei a pensar que a minha mãe às vezes era má. Desconfiei que o meu pai tivesse posto o taco na mesa de jantar. A minha mãe não gostava de ver brinquedos em cima da mesa.

— Papá, tirou-te o taco da mesa, não foi?

— Não foi bem da mesa que ela o tirou, filho…

— Então, foi da cama?

— Sim, filho. Sim… foi isso…

Só anos mais tarde percebi a mentira. Tudo bem que o corpo era dele e tinha o direito de fazer o que quisesse, mas a minha mãe continua a usar aspirador. Tenho uma vaga ideia de uma discussão deles sobre o aspirador, mas talvez o som da televisão estivesse muito alto.

A obsessão pelo filme

2005 foi o ano de estreia do filme preferido do meu pai. Ele sempre adorou filmes, mas o ecrã gigante era o que mais o atraía. Fazia-me companhia nos meus canais infantis e adorava os desenhos animados do Popeye, do Hércules e dos Teletubbies (adorava o roxo e até tinha uma t-shirt dele), mas aquele filme foi tão diferente que veio a revelar-se mais um marco na sua vida. O outro Marco era o nosso carteiro Marco Zevelim Bastos (Zevelim já sabia que não saía da nossa casa sem um ramo de flores e dois beijos). A sugestão do filme veio de um bizarro amigo seu que trabalhava numa boate aos fins de semana e em lado algum nos outros dias. Disse-lhe que tinha de ver, que ia adorar, e nada lhe contou, deixando-o ansioso para saber do que se tratava. "Deve ser um filme bonito, deve" foi o único comentário da minha mãe, que sugeriu que ele fosse sozinho ao cinema. E ele assim o fez.

Voltou a casa em êxtase, a transpirar, a falar sem parar. "Uma obra de arte, a melhor coisa do mundo, que actores fantásticos", dizia ele. Quis saber a história, mas segundo o meu pai eu ainda não podia ver aquele filme. Acho que nunca me perdoaram por eu ter chorado no filme do Bambi. Achei a decisão injusta, porque muitas vezes o meu pai também tinha lágrimas nos olhos a ver a sua luta greco-romana e ninguém o proibia de continuar a ver. Naquele dia prometi a mim mesmo que quando fosse grande veria todos os filmes de cowboys que existissem.

Depois voltou ao cinema no dia seguinte bem como em todos os restantes dias em que o filme esteve em cartaz. Viu o filme 36 vezes, mas só da primeira vez o viu inteiro. Fez os cálculos e decorou a que minuto entrava a sua cena preferida — a cena da tenda (que o meu "eu" adulto descobriu tratar-se de dois cowboys aos beijos, deitados dentro de uma tenda). Todos os dias saía de casa à mesma hora, às vezes levava saia, outra vez só um casaquito, mas entrava na sala sempre depois do início do filme e abandonava no final daquela cena. Ele sempre adorou filmes de cowboys, talvez os tenha visto todos — desde os mais antigos aos mais recentes —, mas nunca imaginou que um dia pudesse ver cowboys nus.

Para ele era uma viragem no mundo do cinema, um grito de liberdade, um incentivo para continuar a andar de cuecas sempre que lhe apetecesse, com ou sem buraco. *O Segredo de Brokeback Mountain* passou a ser o seu filme preferido. Ele vive fascinado com a cena da tenda. E chora quando a conta com pormenores.

Foi no natal daquele mesmo ano que lhe ofereci a t-shirt do filme. Eu estava com a minha mãe numa loja de soutiens coloridos quando a vi. Infelizmente não encontrei a estampagem ideal, que seria eles deitados na tenda, mas eu sabia que os dois cowboys em cima do mesmo cavalo, todos de bigode (incluindo o cavalo), iriam deixar o meu pai radiante. Eu não sabia se no filme o cavalo também tinha bigode, mas mesmo que não tivesse eu sabia que o meu pai iria apreciar a ideia. Eu era muito novo para ter o meu próprio dinheiro, por isso pedi à minha mãe para comprar. Ela suspirou e passou-me a mão pela cabeça.

— Ele vai gostar, mãe. Tenho a certeza!

— Não duvido, Gersúlio. Não duvido…

E lá aceitou comprar as minhas prendas de natal para ele: a t-shirt dos cowboys e um soutien. Cor de rosa. A t-shirt também.

A partir daquele natal o meu pai passou a dormir com aquela t-shirt. Ainda hoje a usa por casa. Quando tem de a pôr a lavar, fica sentado em frente à máquina de lavar, a chorar. Talvez fique com medo de a estragar ou se calhar lembra-lhe o filme, nunca tive coragem de perguntar pois certamente me ralharia dizendo que não me pode falar do filme. Ainda ontem quando os visitei ele estava deitado no sofá com a t-shirt e cuecas cor de rosa a ver um combate gravado de luta greco-romana. Estive para perguntar se ainda chorava quando a punha a lavar, mas para quê? Para o deixar mais triste? Ele já tinha lágrimas suficientes enquanto olhava para a televisão. Sempre achei que certos programas não são para as idades dos pais. Gostava que me tivessem dito que o Bambi não era para a minha idade, mas não os culpo. Não existem pais perfeitos e se os erros de todos pais se resumissem a proibir os filhos de ver o Bambi, o mundo em que vivemos seria muito melhor.

Quando o meu pai trocou a televisão por um Soutien

Eu tive brinquedos como todas as crianças. Tinha carros, jogos, mas também tive muitos bonecos oferecidos pelo meu pai. Deu-me muitos e diferentes, mas todos tinham um ponto em comum: vestiam lingerie. Meu preferido era o Panda-rosa-fio-dental que tinha o meu tamanho. Eu tinha uns três anos e achava-lhe piada, porque me lembrava o meu pai — o rabo gordo, as nádegas de fora, as cuecas cor de rosa. Se o meu panda tivesse a mesma tatuagem no rabo, ele e o meu pai seriam como clones. Desejei que o rabo do meu panda fosse igual ao do meu pai, que também tivesse um coração vermelho e a frase "Estive aqui. Jelhufes Maia, 1979".

Com o tempo, a televisão passou a ser a minha melhor amiga. Aos oito anos eu já não ligava a certos brinquedos e por isso deixava o meu pai dormir com o panda e com o Delício — nome do boneco que ele me tinha dado de prenda de aniversário e que sempre me pareceu uma pila. Muitas vezes eu tinha de levar com os programas preferidos dele, mas também havia tempo para mim. Dos programas da minha mãe eu gostava, mas os do meu pai eu não compreendia, principalmente os que ele escolhia quando só estávamos os dois. Nós tínhamos tv pirata e ele escolhia sempre canais africanos. Os cenários eram sempre praias, carros ou sofás. Lembro-me que os personagens estavam quase sempre de costas. Ao final de alguns minutos, aquilo chateava-me eu virava-me para os meus carrinhos.

A certa altura, os sábados passaram a ser especiais para mim. A minha mãe levava-me ao parque onde eu brincava com outras crianças; comíamos gelados e íamos às compras. Eu divertia-me muito e via a minha mãe feliz. Agora que penso nisso, entendo que a verdadeira felicidade era estarmos longe do meu pai. Ter umas horas normais por semana fazia-lhe bem. Ele nunca ia connosco. O novo curso dele — ginástica com bolas — era sempre aos sábados. Lembro-me que quando

ouvi falar em bolas eu também quis ir, mas a minha mãe disse que aquilo era Pilates e eu não ia gostar. Eu ria muito com esta palavra que o meu pai tanto adorava. "Pila, papá?" e ele respondia "Pilates, filho". A minha mãe soltava uma gargalhada. Eu nunca entendi o porquê, mas como criança que era passei a repetir a pergunta só para a ouvir rir.

Num desses sábados fomos ao talho, a minha mãe foi pedir desculpa à senhora pelo que o meu pai fez. "Ele não volta a baixar as cuecas aqui dentro, peço-lhe desculpa", disse, "ele fica desvairado quando perde uma peça de roupa". A senhora compreendeu e devolveu-nos o soutien preferido do meu pai.

Quando chegámos a casa não havia televisão, mas o meu pai estava sentado no sofá como se houvesse.

— Onde raios está a televisão? — perguntou minha mãe.

— Querida, amanhã saio de casa cedo e compro uma televisão nova. Eu não podia arriscar ficar sem este soutien! — E esticou o braço para mostrar um soutien que tinha o desenho de um homem todo nu com chapéu.

Eu nunca tinha visto a minha mãe tão chateada com ele. Tinha aparecido um vendedor à porta — de bigode e musculado — e convenceu-o a trocar a televisão por um soutien. "Já viste bem este tecido, este desenho", insistia ele, todo entusiasmado, "isto é uma raridade", mas a minha mãe não queria ouvir as explicações dele. Eu também não estava feliz, estar no sofá a olhar para um soutien não era a mesma coisa. Naquela idade eu queria o panda, não o que o panda vestia. Minha mãe resolveu a coisa no mesmo dia. Primeiro a minha mãe disse que lhe cortava a internet, ele não pareceu afectado, mas mal ameaçou tornar a varanda numa marquise, ele voou para o soutien, voltou a metê-lo no embrulho e saiu para rua. Ainda lhe gritei "leva um chapéu, papá", mas ele ou não me percebeu ou daquela vez preferiu as cuecas do buraco no rabo.

A televisão voltou na mesma noite. O meu pai vinha diferente. Não entendi porque é que ele tinha um sorriso tão grande depois de ficar sem o soutien que tanto queria.

— Papá, pensei que estavas triste. Porque é que vens tão feliz?

— Ó filho, encontrei um amigo de longa data, o Maia, o Jelhufes Maia. Está igual o estupor.

— Foi por isso que demoraste tanto tempo a trazer a televisão? — Ele respondeu que sim.

— E as cuecas, papá? Onde estão?

Foi quando ele percebeu que tinha a pila a baloiçar no sofá.

— Pila, papá?

— Pilates, filho.

Surpreendido, levou a mão à cabeça, levantou-se, agarrou as chaves do carro e correu para a rua. Era mesmo coisa dele. O meu pai só não se esquece da cabeça porque isso implicaria andar sem bigode. O meu pai jamais andaria sem bigode.

Quando o meu pai me deixou dizer um palavrão

Cresci numa terra onde se diz muitos palavrões. Desde criança que os ouvia por todo o lado, mas não me era permitido repeti-los. Ouvia nas ruas, na escola, de alguns membros da família, mas raramente em casa. A minha mãe nunca dizia palavrões, pelo menos não à minha frente. O meu pai também não, mas ouvi algumas palavras feias ditas por ele — tão feias que eu nem entendia o significado — quando ele estava na varanda a falar com os trolhas da frente. E ele estava muitas vezes na varanda…

— Papá, já sou grande, já posso dizer cona? — Eu tinha recentemente celebrado os meus 17 anos.

— Podes, mas é uma palavra feia, cuidado onde a dizes.

— Okay, papá. Olha, ontem experimentei cona. Não vais ficar chateado comigo, pois não?

— Claro que não, filho, nem toda a gente gosta de sentir a garganta entalada como o papá. Come o que quiseres, mas usa sempre preservativo! *Heshtégui* pai responsável. *Heshtégui* pai que pega de empurrão.

— Ó papá, que mania é essa agora de andares sempre a dizer isso?

— Garganta?

— Não, papá, essa tristeza do *Heshtégui*.

— Ó filho, não ligues, é da constipação. Mas conta lá como foi ontem. Eu nem sabia do teu primeiro beijo e já me vens com essa surpresa?

— Não houve beijos, papá.

— Como assim? Vá, conta tudo ao teu pai. Primeiro, com quem foi?

— Foi com a prima Engrácia. Ela disse-me: "podes fazer-me tudo menos beijar, que cheiras sempre mal da boca".

— A sério? E tu o que fizeste?

— Eu disse-lhe: "e tu tens bigode!". Depois levantei-me, vesti as calças, atirei-lhe as cuecas à cara e vim-me embora.

— Hoje aprendeste uma lição, meu filho.

— Qual, papá? Lavar os dentes?

— Não — respondeu ele. — A lição é: as primas só dão problemas. Olha por exemplo o teu primo Embrulhado.

— O meu primo Júlio Embrulhado? O que tem ele a ver com isto?

— Sabes porque é que ele fala daquela forma estranha e de vez em quando rebola no chão no meio da rua?

— Não — respondi. Não tinha a menor ideia. Sempre pensei que fosse uma fase complicada que ele estivesse a atravessar. Não deve ser fácil ter uma irmã com três braços, mas só um cotovelo.

— Porque o pai dele e a mãe eram primos direitos — explicou o meu pai.

— Foi por isso que os filhos nasceram assim?

— Sim, filho. Ele é Embrulhado da parte do pai. O pai, com um nome assim, já deveria saber que era para embrulhar e não para comer logo. — E riu-se às gargalhadas.

— Ó papá, não gozes com o nome deles, coitados!

Conversas estranhas e complicadas fizeram parte da minha infância. Muitas vezes me perguntava se os pais dos meus amigos eram assim, tão propensos ao vício das pronúncias. Lembro-me quando fomos ao jardim zoológico e ele andou três semanas a falar como um peru. Qualquer coisa era glu-glu. "Papá, posso mexer no teu computador?", "glu-glu, podes"; "Berlefes, este soutien é para lavar?", "sim, mas toma atenção glu-glu com a mistura de cores";" papá, Ken é com N ou com M?", "glu-glu K". O pior foi quando fomos ao casamento da minha prima. O marido dela não dizia a letra "R", substituía por "L". Bastou a primeira conversa para haver contágio, só que em vez do "L", o meu pai nada usava. Falava como se não existisse tal letra. Saía de casa com as chaves do *cao*, ia *joga snooke* com o *Fedo, atiava* beijos da *vaanda paa* os *tolhas,* jantava como *sempe* na companhia da *babie.* A nossa cadela chamava-se "Bruta" e durante os meses que se seguiram, eu e a minha mãe já não o suportávamos. "Buta, anda cá!", "Senta aqui, Buta!"; "Quem é a linda Buta do papá, quem é?"; "Sua Buta linda!" Durante aqueles meses que pareceram anos, quando lhe perguntavam o nome, ele respondia "Belefes" em vez de "Berlefes". Belefes — como se isso fosse nome de gente. Coitado do meu pai. Não era culpa dele, era uma condição que ele tinha desde muito novo e que ia e vinha de forma aleatória. Apesar de tudo, foi nesta fase do "não R" que melhorou como jogador de snooker. As suas quarta e quintas-feiras de poker foram substituídas pelo taco. Não era inteligente ir jogar poker uma vez que mal entrava na sala os amigos diziam "Lá vem o Belefes".

Felizmente, ao final de algumas semanas ele voltava a falar normalmente.

Hoje entendo que a palavra *cona* é uma palavra feia e que raramente a devo utilizar. Naquela idade eu estava ansioso por dizê-la. Cona fazia-me sentir adulto. Eu não escondo o orgulho que tive naquela conversa com o meu pai, sorrio quando me lembro do dia em que ganhei tomates para dizer cona. Eu mentiria se dissesse que sou uma pessoa normal, que não fiquei com traumas e tiques, mas a infância não me impediu de ser um adulto respeitador. Eu jamais diria cona em público. Nunca sequer a escreveria. Infelizmente oiço essa palavra muitas vezes proferida pela minha mulher. Não pensem que ela é uma devassa demoníaca, nada disso — não estou a falar de sexo, pilates, nem marcas de carros — o problema é que ela não diz a letra "T". A Teresa já era assim quando começámos a namorar e isso não nos impediu de fazer vida juntos. Ela mais do que ninguém entendeu a fase "não R" do meu pai. Sentiu-se muito apoiado por ela, passou a vê-la como uma filha. Parece que o estou a ouvir, "Meu filho, gosto muito da tua Teesa".

No dia em que eu estava a escrever este capítulo, a Teresa apareceu no meu escritório e perguntou-me "já pagaste a cona da luz?" Por um momento fiquei em choque a olhar para ela. Será que o problema de dicção tinha voltado!? Pagámos uma fortuna ao terapeuta para ela voltar a dizer os "T", e ele nunca nos voltaria a ajudar, não depois de ter ameaçado o meu pai com um processo em tribunal por *stalking*. Ele deixou bem claro que nunca mais queria qualquer tipo de contacto com a minha família. Na altura tentei convencê-lo de que era apenas coincidência o meu pai aparecer-lhe à porta de casa todos os dias durante dois meses, mas ele nunca foi homem de acreditar em coincidências. Recusou-se a acreditar que as flores nas mãos do meu pai não eram para ele. Também não me deixou saudades, era convencido demais.

— Oó — disse a Teresa.

— Dormir a esta hora? — perguntei. Eram seis da tarde.

— Totó! — E soltou uma gargalhada. Afinal falava correctamente. Estava mais uma vez na brincadeira. Ela tem um excelente sentido de humor. Desde o dia do nosso baile de finalistas que o percebi. Senti um alívio muito grande. Se ela voltasse a falar daquela forma, teríamos de ficar uns tempos sem visitar os meus pais. Seria mais do que certo ela contagiar o meu pai e… a minha mãe já tem problemas que chegue.

— Vens prá cama? — perguntou a Teresa naquela mesma noite.

— Vou já, estou mesmo a acabar de ler este livro sobre insectos.

— Okay, até já — disse ela. — E não te esqueças de lavar os dentes.